

## SEXUALIDADE, DIÁLOGO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: AÇÕES EM PROMOÇÃO À SAÚDE

SEXUALITY, DIALOGUE AND UNIVERSITY EXTENSION: ACTIONS IN HEALTH  
PROMOTION

Carlos Antônio de Arroxelas Silva, Carmem Lúcia de Arroxelas Silva, Raíssa Matos Ferreira, Alessandro Cesar Bernardino, Liliane Patrícia Gonçalves Souza, Joyse Yasmim Felisberto Silva, Claudete Francisco Silva, Jesana Celine Paz Gusmão, Maria Danielle Araújo Mota, Olagide Wagner Castro\*

UFAL – Maceió - AL

**Resumo:** É no contexto da adolescência em que surgem questionamentos e dúvidas quanto à vivência da sexualidade as quais devem ser esclarecidas por meio do âmbito familiar, escolar, social e cultural, pois são importantes ao desenvolvimento desses indivíduos. Sendo assim, mesmo diante de tabus e preconceitos, discussões acerca dessa temática são imprescindíveis, pois implica em ações sobre o cuidado e promoção da saúde. O presente estudo foi realizado em uma Escola Estadual e na Universidade Federal de Alagoas, ambas localizadas no município de Maceió-AL, tendo caráter quali-quantitativo. No âmbito escolar, os adolescentes do ensino médio foram questionados acerca das principais fontes de informações, influências e conhecimentos sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Os participantes de ambos os sexos apresentaram falta de conhecimento sobre a temática. No âmbito universitário, foi avaliado se os cursos de graduação em Serviço Social, Pedagogia, Psicologia e Biologia Licenciatura abordam a temática sexualidade e se os futuros profissionais se sentem preparados para abordar o tema na carreira. Os resultados mostram a necessidade de formação profissional complementar. Assim, é notório a necessidade de intervenções educativas para que os indivíduos possam viver sua sexualidade de modo pleno e saudável.

**Palavras-chave:** infecções sexualmente transmissíveis, adolescência, educação básica.

**Abstract:** In the adolescence doubts about sexuality are frequent. These questions should be clarified through the family, school, social and cultural scope, since they are important for the development of these individuals. Therefore, even in the face of taboos and prejudices, discussions about this issue are essential, since it implies actions on the care and health promotion. The present study was developed in a State School and at Federal University, both located in Maceió-AL. At the school level, high school adolescents were evaluated about the main sources of information, influences and knowledge about Sexually Transmitted Infections (STIs). Participants of the male showed less knowledge than female in relation to the subject and both presented deficient knowledge about STIs. At the university level, it was evaluated whether undergraduate courses in Social Service, Pedagogy, Psychology and Biology Degree deal with the issue of sexuality and whether future professionals feel prepared to approach the subject in their careers. Our results showed that complementary vocational training is needed.

---

\* olagidewww@gmail.com

We conclude that there is a clear need for educational interventions in family, school and university environments.

**Keywords:** infections sexually transmitted, adolescence, basic education.

## 1. Introdução

O presente estudo aborda a temática sexualidade com a interface entre educação e saúde. A proposta foi desenvolvida pelos integrantes de um projeto de extensão com ênfase em sexualidade. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, o grupo de extensão viabilizou a construção e efetivação de um processo educativo, científico, e social pautado na interação dialógica entre a Universidade e comunidade escolar.

O tema sexualidade é bastante amplo, complexo e pode ser apresentado sobre diversas perspectivas, segundo Weeks (2000), a sexualidade está para além do corpo biológico humano, pois está relacionada com ideologias, crenças e até mesmo aspectos metafísicos como o imaginário. Ao longo dos séculos a sociedade evoluiu para predominância de sentidos físico-químicos e atribuiu muita significância aos corpos, com todas as suas possibilidades biológicas. Nesse sentido, passa a ser fundamental propor reflexões e discussões para a construção de olhares acerca da sexualidade como um fenômeno social e histórico em que se desenvolveu culturalmente.

A partir disso, Weeks (2000) compreende a sexualidade como um “construto histórico”, pois os sentidos e significados atribuídos à vivência da sexualidade foram elaborados e modelados em situações sociais. Sendo assim, as questões advindas dos corpos e comportamento sexual se restringiam a discursos religiosos e da filosofia moral nos meados do século XIX, entretanto com o passar dos anos essa temática foi revisada e modulada por diversas frentes ideológicas.

De acordo com Meyer e colaboradores (2007) é de suma importância que as instituições educacionais invistam em abordagens educativas sobre a sexualidade, com discussões acerca das relações de gênero, do prazer e corpo, assim como da saúde perpassando várias dimensões, por exemplo, a política e social. Nesse sentido, a problematização dessas questões implica em reflexões sobre o cuidado e promoção da saúde dos sujeitos. Desse modo, o presente estudo apresenta duas vertentes, uma com objetivo de avaliar a percepção de estudantes do ensino médio sobre as principais fontes de informações, influências e conhecimentos sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a outra com objetivo de avaliar se os cursos de graduação em Serviço Social, Pedagogia, Psicologia e Biologia Licenciatura abordam a temática sexualidade e a percepção dos graduandos sobre a capacidade de abordar o tema como futuros profissionais da educação e da saúde.

## 2. Metodologia

As atividades foram realizadas em caráter de pesquisa quali-quantitativa e ações extensionistas em uma Escola Estadual localizada na cidade de Maceió-AL e na Universidade Federal de Alagoas por professores e alunos universitários integrantes do Grupo de Pesquisa e Extensão Sexualidade Sob Múltiplos Olhares. Na escola, as atividades se deram por meio de

ações extensionistas que foram realizadas no ano de 2015 com estudantes do primeiro ano do ensino médio numa faixa etária entre 14 a 19 anos, sendo 42 correspondentes ao sexo feminino e 44 ao sexo masculino totalizando 86 alunos. Sendo assim, inicialmente, aplicou-se um questionário adaptado de Melo e colaboradores (2006) contendo perguntas de múltiplas escolhas acerca de vários aspectos de conhecimento geral relacionados à sexualidade na busca de obter informações sobre a vivência, influência e conhecimentos sobre sexualidade para, posteriormente, realizar ações de intervenção tais quais palestras e dinâmicas baseadas nos temas que os alunos apresentaram mais carência de informação. Após a coleta e análise dos dados presentes nos questionários, foram identificadas as principais dúvidas e carências referentes aos conhecimentos básicos sobre sexualidade e, por meio desses dados, empregou-se palestras nas quais os alunos integrantes do projeto de extensão, sob supervisão dos professores, prepararam apresentações sobre ISTs discutindo de forma didática, com recursos visuais adequados para a faixa etária, além de palestras sobre métodos contraceptivos e dinâmicas de grupo em promoção à saúde as quais foram embasadas, conforme o trabalho de Cestari (1994), fundamentando-se nos principais conflitos identificados pelos próprios estudantes no questionário e na visão dialógica em que o conhecimento e o significado são construídos socialmente na interação com o outro indivíduo. Os resultados obtidos foram comparados entre os grupos de alunos. Ressalta-se que os únicos dados solicitados foram, apenas, o sexo e idade por serem informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa e ação mantendo os alunos em anonimato. Essas atividades tiveram, portanto, um caráter qualitativo de pesquisa e de ações de intervenção por meio da extensão universitária.

Na Universidade, a atividade foi realizada no ano de 2016 por meio de um questionário adaptado de Rezende e Sobral (2015) aplicado aos alunos do último período da graduação, ou seja, formandos em Biologia Licenciatura (8 do sexo masculino e 16 do feminino), Pedagogia (15 do sexo feminino), Psicologia com (2 do sexo masculino e 11 do feminino) e Serviço Social (1 do sexo masculino e 19 do feminino) com o intuito de identificar se os referidos cursos acadêmicos abordam a temática sexualidade e se os graduandos, futuros profissionais da educação e saúde, sentem-se preparados para abordar a temática de forma precisa, didática e responsável. Os dados pessoais dos participantes não foram solicitados para garantir, assim, o anonimato dos entrevistados, somente, foram solicitadas as informações sobre o curso de graduação. Sendo assim, ambos os estudos apresentaram caráter qualitativo, proferindo pesquisa de opinião, nos quais os alunos relatavam como se sentiam e o que aprendiam no serviço prestado pelas instituições de ensino. O projeto de extensão realizado na escola foi aprovado pela Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Alagoas.

### **3. Resultados e Discussões**

Visando averiguar o conhecimento dos participantes relacionado à sexualidade, os resultados foram analisados em duas vertentes: 1) conhecimento adquirido na escola pelos alunos do ensino médio; 2) percepção dos graduandos sobre a capacidade de abordar a temática como futuros profissionais da educação.

### 3.1 Conhecimentos adquiridos na escola pelos alunos do ensino médio

Foi avaliada a relação do nível de conhecimento por meio de comparação entre os sexos. Inicialmente, os alunos foram indagados sobre a participação em seminário, aula ou alguma atividade de orientação sexual na escola ou em qualquer outro meio. A Tabela 1 mostra que, aproximadamente, 52% dos alunos do sexo masculino já participaram de alguma dessas atividades, enquanto os do sexo feminino correspondem a cerca de 45%.

*Tabela 1 – Participação em atividades relacionadas à orientação sexual.*

<b>Já participou de algum seminário, programa ou aula sobre orientação Sexual?</b>		
RESPOSTA	ALUNOS	ALUNAS
Sim	52,27 %	45,23%
Não	47,72%	54,76%

Fonte: Autor.

A partir desses resultados, constata-se que, mesmo em um mundo globalizado e repleto de conhecimentos científicos, que podem ser aplicados com a utilização de diversos recursos tecnológicos, não há o devido emprego desses saberes pela escola, conforme observado pelos integrantes dessa unidade de ensino. O estudo de Santos (2014) ressalta a necessidade entre os profissionais da educação em utilizar subsídios tecnológicos para realizar discussões sobre sexualidade na escola. Os próprios alunos reconhecem a função da escola na formação de futuros cidadãos conscientes, pois quando foram questionados sobre a importância de a escola abordar a temática sobre sexualidade a maioria considerou que a escola deve atuar nesse segmento. (Tabela 2).

*Tabela 2 – Necessidade do meio escolar abordar temas sobre sexualidade.*

<b>Em sua opinião, sua escola deve abordar assuntos sobre sexualidade?</b>		
RESPOSTA	ALUNOS	ALUNAS
SIM	88,63%	95,23%
NÃO	9,09%	4,76%
ABSTENÇÃO	2,27%	0%

Fonte: Autor.

É consensual na literatura a importância da escola na educação sexual de seus alunos, não somente quanto ao aspecto biológico da sexualidade, mas também quanto à questão social e psicológica. Maia (2004) reforça que a escola é fundamental na orientação sexual, promovendo informações sobre a sexualidade na medida em que permita uma reflexão crítica. Quando questionados sobre as fontes de informação referentes à sexualidade, ambos os grupos de participantes afirmaram obter mais informações sobre a temática em conversas com amigos, em contrapartida informações provenientes de disciplinas como Biologia, outras disciplinas e em diálogo com os pais não foram expressivos, apontando para a falta de ação mais efetiva por parte da família e da escola. A Tabela 3 indica as demais fontes de informações e seus respectivos resultados.

Tabela 3 – Fontes de informações sobre sexualidade.

<b>A maior parte das informações que você sabe sobre sexualidade/sexo, hoje, você aprendeu com:</b>						
	Pais	Amigos	Disciplinas Variadas	Disciplinas de Biologia	Outros	
ALUNAS	26,31 %	42,1 %	21,03 %	7,01 %	3,50 %	
ALUNOS	10,52 %	40,35 %	21,05 %	12,28 %	15,78 %	
TOTAL	18,42%	41,22%	21,05%	9,64%	9,64%	

Fonte: Autor.

De fato, ao longo de décadas essa realidade não foi alterada, os adolescentes, como demonstrado no estudo de Gale (1989) são alvo de informações que não são confiáveis obtidas por meio de amigos, mídias, programas de TV. Esses fatos nos levam a problemática da repercussão de informações errôneas e imprecisas disseminadas nos ciclos de amizade, sendo o âmbito familiar, escolar e social fundamentais para intervir nessa situação. No estudo de Savegnago e Arpini (2013), pode-se observar uma realidade bastante frequente no âmbito familiar no qual os filhos tentam conversar com os pais sobre suas curiosidades referentes à sexualidade, porém, os pais não dão o devido espaço para tais discussões, sendo assim, ocorre à busca de outras fontes de informação e diálogo, destacando-se então os amigos. Exemplificando a falta de diálogo no âmbito familiar e o despreparo das escolas, alunos de ambos os sexos mostraram ter maiores dúvidas relacionadas às ISTs e também ao uso dos contraceptivos (ver Tabela 4).

Tabela 4 – Temas afins à sexualidade que geram mais questionamentos.

<b>Qual dos itens relacionados à sexualidade você tem mais dúvidas?</b>			
ITENS	ALUNAS	ALUNOS	
Prática Sexual	26,19 %	11,36 %	
Uso de Contraceptivo	35,71 %	25 %	
Gravidez	19,04 %	11,36%	
Infecções Sexualmente Transmissíveis	47,61 %	63,63 %	
Masturbação	7,14 %	4,54 %	
Outros	2,32 %	2,27 %	
Não Responderam	4,76 %	4,54 %	

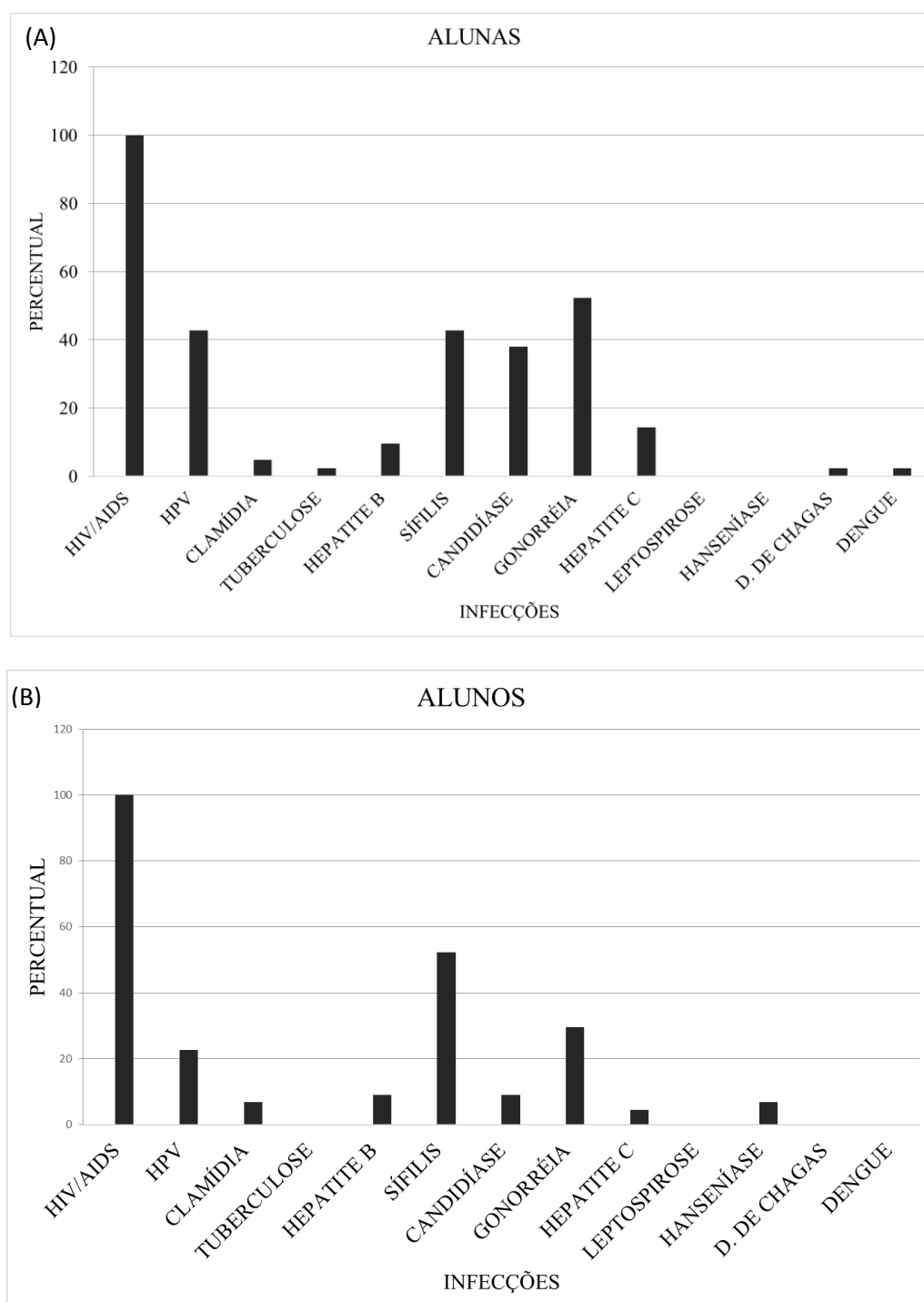
Fonte: Autor.

Paradoxalmente às inúmeras campanhas e divulgações sobre prevenção de ISTs, bem como promoção à saúde, as respostas dos alunos apontam a necessidade de uma intervenção consistente em esclarecer dúvidas de fatores que possam promover riscos à saúde. Nesse cenário, se faz necessário informar aos adolescentes a realidade da situação em que estão inseridos para que eles possam desenvolver o pensamento crítico e discernir sobre o que traz benefícios para uma vivência saudável acerca da sexualidade. Sendo importante, desse modo, a capacitação dos pais e dos profissionais de educação, pois as instituições de ensino são detentoras de grande papel na educação sexual dos adolescentes e podem juntamente com os pais promover um espaço para discussões e reflexões sobre sexualidade (SAVEGNAGO; ARPINI, 2015).

Com o intuito de verificar se os alunos conheciam sobre as diversas ISTs, além das mais discutidas e repercutidas na mídia que é a HIV/AIDS, estes elencaram quais doenças estavam

associadas às infecções transmissíveis sexualmente e não transmissíveis sexualmente. A Figura 1(A) e 1(B) demonstra os resultados obtidos.

Figura 1 – Identificação das infecções sexualmente transmissíveis



Pode ser observado na Figura 1 que todos os alunos selecionaram HIV/AIDS como sendo uma Infecção Sexualmente Transmissível. Já outras ISTs foram menos identificadas tais quais clamídia e candidíase, além disso, observa-se que alguns alunos selecionaram doenças que não são transmissíveis sexualmente como sendo ISTs, como por exemplo citado pelos alunos doença de Chagas e Hanseníase. De tal forma, esse dado sugere que os adolescentes têm conhecimento sobre as ISTs que são amplamente divulgadas na mídia e em seu ciclo social como é o caso do

HIV/AIDS e revela o alto risco do desconhecimento das outras doenças que também são bastante danosas à saúde corroborando com estudo de Monteiro, R. e Monteiro, D. (2005). Esse fato também é constatado no estudo de Camargo e Ferrari (2009) em que a IST mais citada foi o HIV, quando os adolescentes foram questionados sobre as ISTs. Além disso, o estudo de Amoras e colaboradores (2015) sugere que a falta de conhecimento e informações sobre ISTs proporcionam a vulnerabilidade dos adolescentes ao risco de contaminação.

Durante a aplicação do questionário, alguns alunos solicitaram esclarecimentos do significado de algumas doenças infecciosas presente no questionário, tal como clamídia, porém a conduta tomada foi não fazer tal explanação prévia de forma a não influenciar e interferir nos resultados, foi dito aos alunos que eles poderiam tirar suas dúvidas após a entrega dos questionários respondidos. Assim, conforme demonstrado no estudo de Sá e colaboradores (2015) é necessário promover uma reflexão nos jovens de tal modo que possam se proteger das ISTs, evitando o comportamento sexual de risco e conscientizando da importância da orientação médica.

Explorando ainda mais a influência da mídia sobre os alunos, questionou-se acerca da interferência que essa exerce sobre a sexualidade. Tal como consta na Tabela 5, a maior parte dos participantes informou ser estimulada a ter relações sexuais precocemente.

*Tabela 5 – O estímulo da mídia na sexualidade.*

<b>Você acredita que muitos programas da televisão acabam influenciando os adolescentes e jovens a terem relações sexuais precoces (ainda na adolescência)?</b>		
<b>RESPOSTA</b>	<b>ALUNOS</b>	<b>ALUNAS</b>
SIM	77,27 %	61,90 %
NÃO	22,72 %	38,09 %

Fonte: Autor.

A mídia é um poderoso meio de informação, ao mesmo tempo, pode veicular informações distorcidas, errôneas, e manipuladas ou ainda carecem de informações importantes que passam a ser negligenciadas. Segundo Ferreira (2001) a mídia também pode contribuir para uma visão equivocada da relação sexual, pois são associadas ao prazer, porém, não divulga os riscos da atividade sexual desprotegida e suas consequências. Curiosamente, essa influência também foi observada no estudo de Alves (2016), em que se refere a capacidade de influenciar no comportamento sexual dos adolescentes e que pode ocasionar problemas de saúde, por exemplo, gravidez na adolescência visto que a depender da idade, o corpo não está preparado para uma gestação ocasionando riscos à saúde.

### **3.2 Percepção dos graduandos sobre a capacidade de abordar a temática como futuros profissionais da educação e da saúde**

Tal como consta na literatura e evidenciado na Tabela 2, a maior parte dos alunos de ensino médio acreditam que a escola também é responsável em tratar sobre assuntos relacionados à sexualidade (BULHÕES et al., 2013). Porém, é necessário desenvolver uma visão multidisciplinar crítica de que não somente os profissionais da educação, mas sim os

pertencentes das áreas da saúde e ciências sociais, pois estes podem se deparar com situações no exercício de suas funções que envolvam assuntos relacionados à sexualidade e gênero. Diante do pressuposto, alunos dos períodos finais da graduação em Biologia Licenciatura, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social foram questionados acerca da preparação durante o caminho de sua formação profissional por meio de disciplinas e outras atividades acadêmicas para lidar com tal temática durante a execução de sua profissão.

Conforme indicado na Tabela 6, a maior parte dos alunos do curso de Biologia Licenciatura (95,83%) e os de Psicologia (84,61%) afirmaram ter cursado disciplinas que abordaram sexualidade. Já a maioria dos graduandos de Pedagogia (53,33%) e os de Serviço Social (70%) declararam não ter sido abordada a temática ao decorrer da formação acadêmica. É importante ressaltar que nos cursos de Pedagogia e Serviço Social, alguns dos alunos informaram ter visto sobre a temática em disciplina eletiva e não obrigatória, essa informação pode justificar o dado de que a maioria dos alunos desses dois cursos não terem tido uma disciplina que aborde a temática em questão.

*Tabela 6 – O contato da temática Sexualidade durante a graduação.*

<b>Durante a sua graduação já teve alguma disciplina que abordasse o tema Sexualidade?</b>		
CURSO	SIM	NÃO
Biologia Licenciatura	95,83 %	4,17 %
Pedagogia	46,66 %	53,33 %
Psicologia	84,61 %	15,38 %
Serviço Social	30 %	70 %

Fonte: Autor.

Quando questionados da relevância desse assunto à sua formação profissional, exceto menor fração dos alunos dos cursos de Biologia (4%) e Serviço Social (10%), observamos que a totalidade declara que a temática sexualidade é importante para a formação profissional, tal como se observa na Tabela 7.

*Tabela 7 – A importância da temática na formação profissional.*

<b>Você acredita que temática Sexualidade é importante para sua formação profissional?</b>		
CURSO	SIM	NÃO
Biologia Licenciatura	95,83 %	4,17 %
Pedagogia	100 %	0 %
Psicologia	100 %	0 %
Serviço Social	90%	10 %

Fonte: Autor.

Adicionalmente os universitários foram questionados se em algum momento, participaram de eventos extracurriculares que tratassem do tema, 60% dos alunos do Serviço Social responderam sim, seguidos de 53,84% da Psicologia, enquanto que alunos do curso de Biologia e Pedagogia, relataram participação menos ativa 42% e 13,3% respectivamente (Tabela 8).



Tabela 8 – Participação dos alunos em eventos sobre a temática.

<b>Já participou de eventos que tratasse sobre Sexualidade?</b>		
CURSO	SIM	NÃO
Biologia Licenciatura	42 %	50 %
Pedagogia	13,3 %	86,7%
Psicologia	53,84 %	46,15 %
Serviço Social	60 %	40%

Fonte: Autor.

É importante a participação do aluno em eventos acadêmico-científico, pois são recursos de complementariedade do conhecimento, além de uma possibilidade de discussão e troca de informações acerca da temática, sendo imprescindível a estimulação do corpo docente e programas da Universidade aos alunos para que se sintam motivados a buscar sempre mais conhecimento como forma de complemento da sua formação.

Por fim, quando questionados sobre segurança, bem como a capacidade para abordar o tema em alguma ocasião de trabalho, uma quantidade considerável revelou não se sentir seguro para as possíveis circunstâncias (ver Tabela 9).

Tabela 9 – Segurança em tratar do assunto no exercício da profissão.

<b>Em sua opinião, você se sente seguro e capacitado em abordar essa temática?</b>		
CURSO	SIM	NÃO
Biologia Licenciatura	70,8 %	29,2 %
Pedagogia	20 %	80 %
Psicologia	69,23 %	30,76 %
Serviço Social	40 %	60 %

Fonte: Autor.

O entrave entre a segurança e preparo em abordar a temática pode estar associado a questões internas dos alunos tais como vergonha, medo de expor opiniões ou questões externas, como a falta de atividades que promovam a experiência do diálogo, discussão com colegas de turmas e professores. Nesse cenário, é importante o modo em que o docente aborda a temática, e consiga fazer com que seus alunos se sintam confortáveis o suficiente para quebrar a relação monologa em sala de aula. Fomentando assim, uma discussão em grupo levando questionamentos reais, atuais e que favoreçam o desenvolvimento do pensamento crítico e a habilidade do diálogo respeitador e saudável.

Para lidarem com as mais variadas questões em relação à sexualidade, Gesser e colaboradores (2012) sugerem ser fundamental o contato dos discentes com perspectivas direcionadas pelos princípios e diretrizes dos direitos humanos. No estudo de Moura e colaboradores (2011), observou-se que os estagiários em psicologia sentiram dificuldades em trabalhar com o tema sexualidade no âmbito escolar, pois durante a graduação eram abordadas questões de intervenção na perspectiva clínica, faltando base teórica para preparar os alunos a trabalhar nas escolas. E que diante desse fato, é necessário abordar sexualidade incluindo outros aspectos para melhor formação de futuros psicólogos. Já no que tange ao preparo de futuros assistentes sociais, o estudo de Souza e colaboradores (2016) sugere que é necessário

que o tema sexualidade deva ser melhor abordado durante a graduação em Serviço Social utilizando espaços mais abertos de debates e diálogos e que se englobe sexualidade e gênero quanto construção social pertencentes e essenciais aos direitos humanos.

Em relação à dimensão da sexualidade e a formação de pedagogos, são necessários embasamentos teóricos durante sua formação acadêmica que venha a propiciar reflexões e discussões que forneçam orientações para que os alunos possam ter autonomia sobre o tema (LOPES; OLIVEIRA, 2014). No trabalho de Dantas (2015) é evidenciado que os alunos de graduação em pedagogia não se sentem preparados para trabalhar gênero e sexualidade no ambiente escolar, apesar do currículo do curso contemplar o tema Gênero e Sexualidade em algumas disciplinas. Porém, as discussões são insuficientes para o preparo desses futuros pedagogos.

Oswaldo e colaboradores (2017) por sua vez, relatam que nas aulas do curso de ciências biológicas, as disciplinas abordam o tema sexualidade de modo pontual e ocorrem somente quando é solicitado pelos alunos. É reconhecida, assim, a importância de se discutir o tema em todas as escolaridades e que é necessário que os docentes abordem de forma holístico integrativo em sala de aula questões para além de aspectos biológicos no intuito de preparar os futuros professores de ciências e biologia.

Documentos oficiais voltados para educação sexual respaldam a atuação de profissionais na realização de intervenções, por exemplo, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM), Programa Brasil sem Homofobia, Caderno no Gênero e Diversidade Sexual na Escola, e Programa de Saúde na Escola (PSE). Portanto, são documentos legítimos e norteadores legais. Além disso, estão embasados de modo teórico na construção histórica, cultural e social de gênero e sexualidade para desconstruir discursos heteronormativos nos diversos espaços educativos. A partir disso, devem-se considerar as dimensões biológicas, psicológicas, emocionais e sociais, tendo em vista a não reprodução de estereótipos, preconceitos, discriminações e perspectivas reducionistas durante o processo de ensino e aprendizagem (GESSER et al., 2012).

A sociedade necessita de cidadãos pensantes e ativos, indivíduos que consigam promover a cidadania, se relacionar em harmonia e viver em bem-estar. Essa realidade é dependente do tempo, ou seja, é necessário que desde a passagem pelos ensinamentos fundamental e médio até a saída da universidade, esses indivíduos sejam desafiados a desenvolver o pensamento crítico, capacidade do bom relacionamento com seus próximos e a possibilidade de executar de forma prática o aprendizado obtido durante as fases da sua formação acadêmica. Desse modo, o tripé ensino, pesquisa e extensão oferecida pela Universidade fazem com que a articulação da junção da Universidade no contexto social promova ganhos bilaterais, sendo as atividades extensionistas as que promovem a maior proximidade entre ambos.

#### **4. Considerações Finais**

Ao que se refere aos participantes das atividades extensionistas, essas ações ofereceram aos adolescentes o senso de responsabilidade e compromisso com a sua própria sexualidade, pois a informação ainda é a melhor forma de prevenção contra os altos índices dos problemas

de saúde pública, como infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, que são incansavelmente observados na escola e, desse modo, promover a vivência saudável da sexualidade.

Na formação discente, as atividades propiciaram a complementação da formação universitária, uma vez que aumentaram os desafios em uma questão que é tabu para ser desenvolvida pelos profissionais. Conseqüentemente, a leitura, a pesquisa, o convívio com os participantes assistidos e a reflexão promoveram o envolvimento de forma efetiva e satisfatória no desenvolvimento das atividades, além disso, foi uma oportunidade de interação com profissionais qualificados e estudantes de outras áreas do conhecimento configurando a formação multidisciplinar.

Quanto aos alunos do ensino médio, é notório o interesse pela temática, sendo importante a escola abordar de forma didática, objetiva e lúdica assuntos relacionados. Ademais, promover recursos que permitam a formação continuada dos professores e incentivar a maior participação dos pais e responsáveis na construção do conhecimento dos adolescentes é necessário para que esses indivíduos possam ser orientados de forma coerente. Em relação aos alunos universitários, é constatada a importância da participação em atividades acadêmicas e dos professores utilizar materiais ilustrativos, didáticos, realizar rodas de discussão para contribuir no interesse dos alunos, reduzindo, dessa forma, a falta de interesse pelo formato de aulas tradicionais promovendo, assim, a participação dos alunos em atividades acadêmicas e a confiança e liberdade dos participantes assistidos por programas de extensão são fundamentais no processo ensino-aprendizagem e promoção do bem-estar e da saúde.

## 5. Referências

ALVES, A. B. Adolescência e a construção da identidade: análise e discussão da sexualidade e influência da mídia na adolescência? In: Encontro Regional Norte de História da Mídia, 4, 2016, Rio Branco. **Anais do 4º Encontro Regional Norte de História da Mídia**. Rio Grande do Sul: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2016.

AMORAS, B. C.; CAMPOS, A.R.; BESERRA, E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 163-171, 2015. ISSN 1984-4352.

BULHÕES, D. A. A. R.; SILVA, M.A.P.; MIRANDA, J. R. Sexualidade na escola: pensamentos e percepções dos alunos acerca da educação sexual. In: Fórum Internacional de Pedagogia, 5, 2013, Vitória da Conquista. **Anais do V Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande: Realize, 2013. v. 1.

CAMARGO, E. Á. L.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.3, p. 937-946, 2009. ISSN 1413-8123.

CESTARI, M. L. Classroom communication: monological and dialogical acts. Conference: Social Practices and Symbolic Mediations. Université de Neuchâtel, Switzerland, 1994. p. 16-18.

DANTAS, L. D. S. **Gênero e sexualidade na formação do pedagogo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

FERREIRA, B. W. Considerações sobre a gravidez na adolescência. **Educação**, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 167-173, 2001.

GALE, J. **O adolescente e o sexo**: um guia para os pais. São Paulo: Best Seller, 1989. ISBN: 85712-33977.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; CORD, D.; NUERNBERG, A. H. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012. ISSN 2175-3539.

LOPES, M.; OLIVEIRA, J. M. F. S. A invisibilidade da temática da sexualidade na formação de pedagog@s e licenciad@s: algumas considerações. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 3, 2014, Londrina. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

MAIA, A. C. B. Orientação Sexual na Escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. Araraquara: Arte e Ciência Editora co-edição com Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, 2004. p. 153-179.

MELO, E. J.; DORO, D. L.; OLIVEIRA, K. M. P. Conhecimento sobre DSTs, métodos de prevenção e drogas de abuso pelos alunos do ensino médio da rede pública de ensino do município de Cândói-PR. **Iniciação Científica CESUMAR**, v. 8, n. 1, p. 49-55, 2006.

MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, 2007. ISSN 0102-4698.

MONTEIRO, R. L. M.; MONTEIRO, D. L. M. A mídia na informação sobre saúde sexual. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 17-28, 2005.

MOURA, F. M.; PACHECO, A. P.; DIETRICH, C. F.; ZANELLA, A. V. Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 437-446, 2011.

OSWALDO, A. P. B.; CARVALHO, F. A. Concepção das/os professoras/es de ciências biológicas que atuam com formação inicial docente sobre a importância da educação para a sexualidade nas escolas. In: Simpósio Internacional em Educação Sexual, 5, 2017, Maringá. **Anais do V Simpósio Internacional em Educação Sexual**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá.

REZENDE, A. V.; SOBRAL, O. J. O estudo da sexualidade na formação superior do profissional de enfermagem. In: Semana de Integração, 4., 2015, Inhumas. **Anais da Semana de Integração do Campus de Inhumas**. Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2015. v. 2, p. 549-561. ISSN 2359-7038.

SA, M. I.; SILVA, M. T.; ALMEIDA, D.; VIEIRA, B.; LIMA, T.; CONDEL, C.; TEIXEIRA, M.; LIMA, J.; OLIVEIRA, T. Infecções sexualmente transmissíveis e factores de risco nas adolescentes e jovens: dados de um centro de atendimento a jovens. **Nascer e Crescer**, Porto, v. 24, n. 2, p. 64-69, 2015. ISSN 0872-0754.

SANTOS, K. S.; LIMA, R. R.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. TIC e as discussões sobre sexualidade na escola: o subsídio da tecnologia na ampliação dos debates. **Temática**, v. 10, n. 12, 2014. ISSN 1807-8931.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade da família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 150, p. 924-947, 2013. ISSN 0100-1574.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Escola, família e sexualidade: diálogos possíveis? In: Seminário Enlaçando Sexualidades, 4, 2015, Salvador. **Anais do IV Seminário Enlaçando Sexualidades**. Salvador: EDUNEB, 2015. ISSN 2238-9008.

SOUZA, K. F.; ALMEIDA, G. S.; ALENCAR, M. M. T. Religiosidade, diversidade sexual e de gênero na formação profissional do/a assistente social: um estudo exploratório com graduandos/as da FSS/UERJ. **Aproximando**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2016. ISSN 2447-3618.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: G. L. Louro (Org.). **O corpo educado: pedagogias das sexualidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-83.